

Sumário

Artigos e Comentários

7 A política externa durante o regime militar

Fernando de Mello Barreto

Cinquenta anos após o seu início e 29 anos depois de seu fim, quão importante é para os dias de hoje saber como a política externa brasileira foi conduzida durante o regime militar? As ações realizadas na época ainda são válidas? O artigo não tem a intenção de responder plenamente a essas perguntas, mas traz algumas reflexões que podem ser úteis para elucidá-las. As ações diplomáticas daquela época não foram uniformes, apesar de algumas características comuns constantes. Fatores internos e externos acarretaram mudanças nas posições internacionais brasileiras entre 1964 e 1985. Portanto, os cinco presidentes do regime militar levaram a cabo políticas externas com algumas diferenças marcantes entre elas, especialmente nos primeiros anos e na segunda metade da década de 1970. Algumas iniciativas do regime militar ainda são eficazes, entre elas a usina hidrelétrica de Itaipu e os acordos de Cooperação Amazônica, a cooperação nuclear com a Alemanha e as regras favoráveis aos investimentos externos no Brasil.

17 Mercosul: retórica e realidade

Rubens Barbosa

O artigo é uma crítica ao que foi publicado na edição de janeiro-fevereiro-março desta revista, escrito por Ruy Pereira, que resume a visão do atual governo brasileiro em relação ao processo de integração sul-americana e dos países do Cone Sul. De acordo com Rubens Barbosa, Ruy Pereira – que foi embaixador junto à ALADI e, agora, é embaixador na Venezuela – tem credenciais para tentar justificar o lamentável estado em que se encontram atualmente o Mercosul e a integração regional. Pereira foi um dos articuladores da política que modificou, na prática, os objetivos fixados pelo Tratado de Assunção de 1991 e, “em consequência, terminou por destruir o Mercosul. O artigo de Pereira é um exemplo da maneira como muitos temas políticos, econômicos e sociais foram tratados nos últimos anos: a retórica tem muito pouco a ver com a realidade”.

29 Desafio para o Itamaraty

Sean W. Burges

Esta é uma tréplica relacionada ao artigo “Seria o Itamaraty um problema para a política externa brasileira?” de autoria de Sean Burges, publicado em janeiro de 2013 por

esta revista. O autor responde ao diplomata Gonçalves Mello Mourão, a quem coube defender o Ministério das Relações Exteriores e a política externa brasileira. A tese proposta por Burges é que o ponto forte da política externa brasileira – a instituição do Itamaraty e seu corpo hierárquico de diplomatas profissionais – talvez seja sua grande fraqueza. “Meu artigo reflete as queixas e preocupações que eu tenho ouvido ao longo de uma década de negociações com atores relevantes que tratam de assuntos externos no Brasil. A crítica que eu ouço não nega a qualidade de diplomatas do Itamaraty. A opinião geral é que o Itamaraty resiste a ouvir opiniões externas sobre as suas políticas”.

37 A política externa do Brasil 2003-2013: depois da esperança suscitada e do papel de destaque exercido, o país se encontra em certo isolamento?

Gérard Bodinier

Quando o presidente Lula assumiu o cargo, provocou esperança entre os críticos da globalização neoliberal, pessoas que aspiravam a um mundo de justiça, igualdade, solidariedade e de apoio para os mais necessitados. Lula apareceu como o porta-voz dos países do Sul, capaz de propor um novo caminho para o desenvolvimento. Dez anos mais tarde, apesar de suas promessas, a política externa do presidente Lula tem levado o Brasil a um isolamento no cenário internacional e na América do Sul. Hoje, o país precisa definir estratégia para desempenhar um papel à sua altura em uma nova governança mundial.

53 Brasil e China: complementaridade e competição

Carlos A. Primo Braga
Jean-Pierre Lehmann

O artigo enfoca a evolução da interdependência entre duas das maiores economias emergentes, principais membros do BRICS: Brasil e China. Discute, particularmente, até que ponto as crescentes relações bilaterais são duradouras e se elas darão novo ímpeto às alianças de política externa entre os dois países. O autor defende a ideia de que a resposta para essas duas questões é sim, embora acredite que essa aliança de política externa será marcada por muita tensão e, provavelmente, não será implementada no contexto de uma plataforma mais ampla do BRICS.

65 O décimo mandato do Brasil (2010-2011) e a presença reiterada de um membro eletivo no Conselho de Segurança das Nações Unidas

Eduardo Uziel

Nas Nações Unidas, o Brasil pertence a um clube bastante exclusivo, o dos países que cumpriram dez mandatos eletivos no Conselho de Segurança. Apenas o Japão teve o mesmo número de mandatos do Brasil, ambos seguidos por Argentina (9), Colômbia (7), Índia (7) e Paquistão (7), enquanto outros exerceram número menor de mandatos, e 68 Estados sequer ocuparam uma vaga eletiva desde 1946. O Brasil tem usado a sua presença frequente no Conselho de Segurança para promover suas percepções e preferências dentro do próprio órgão. Isso não implica uma coerência absoluta de políticas ao longo de todos os períodos.

81 O consenso de Bali
Pedro de Camargo Neto

O acordo alcançado por consenso no seio da OMC, em Bali, na Indonésia, em dezembro passado, recebeu amplo apoio, também em universidades e na comunidade de especialistas em comércio. Porém, o autor declara-se incapaz de se juntar a esse consenso. Acredita que um debate ainda vale a pena. O acordo de facilitação de comércio é, certamente, importante e deve ser comemorado, mesmo que o mirabolante valor anunciado na ocasião mereça ressalvas. Os acordos para a agricultura são interessantes,

mas não o suficiente para justificarem uma reunião ministerial. O que foi deixado para trás é, de longe, mais relevante do que o que foi obtido.

**87 Reformas estruturais no México:
“Eppur si muove”**
Cecília Soto

O resultado eleitoral inesperado de julho de 2012 – vitória para o Partido Revolucionário Institucional (PRI) e para seu candidato, Enrique Peña Nieto, com números menores do que o previsto e sem obter a maioria no Congresso – criou condições para um “Pacto para o México”. Este foi traduzido em 95 compromissos entre os três principais partidos políticos nacionais e a Presidência. Trata-se de uma realização política sem precedentes na história do país. Entre os compromissos estão seis grandes reformas constitucionais. Foram aprovadas uma reforma energética, que muda um sistema em vigor desde 1938, e também reformas em telecomunicações e educação, em transparência, em política, nas áreas trabalhista, fiscal e monetária. São reformas profundas, mas a sua eficácia depende de regulamentação, que ainda está sendo escrita.

**97 O regionalismo latino-americano
e a política hemisférica dos
Estados Unidos**
Luis Fernando Ayerbe

O artigo é uma contribuição para o debate sobre as tendências nas relações interamericanas. Aborda a percepção em setores do *establishment* da política externa dos EUA a respeito dos desafios para a agenda hemisférica do país originários da recente profusão de mecanismos de integração regional. A análise se baseia em estudos produzidos por sete *think tanks* selecionados em função do seu reconhecido prestígio e representatividade em termos de diversidade política, e por desenvolverem linhas de pesquisa sobre América Latina. São eles: American Enterprise Institute (AEI); Brookings Institution (BI); Center for American Progress (CAP); Center for Strategic and International Studies (CSIS); Heritage Foundation (HF); Inter American Dialogue (IAD); The Washington Office on Latin America (WOLA).

109 Após Gerônimo
Daniel Afonso da Silva

“Uma década de guerra está terminando”, disse Barack Obama por ocasião de sua vitória pela segunda vez como presidente dos Estados Unidos. Os ataques de 9/11 e a morte de Osama bin Laden, em 2011, tiveram grande impactos e implicações no sistema internacional contemporâneo. Os Estados Unidos e o resto do mundo viveram tempos difíceis entre 2001 e 2011. Com a morte de bin Laden, “a justiça foi feita”, disse o presidente Obama. No entanto, pode-se dizer que o mundo mudou? Esse é o tema do artigo. O enigmático e traiçoeiro diagnóstico do presidente Obama – “*a decade of war is ending*” – talvez conduza o tom da grande discussão e da possível mensagem. “Começamos a viver o fim de dez anos de erro, de dor e de esgotamento. Chegou o momento de repensar seriamente o destino após o concerto europeu, após as guerras totais, após o mundo bipolar, após o 9/11, após o choque da financeirização, após o choque da descolonização, após a *decade of war*, após a *cold war*”.

Comentário

123 Cenário para 2014
Roberto Teixeira da Costa

O World Economic Forum de Genebra publicou, em dezembro de 2013, o “Outlook on the Global Agenda 2014”. Os dez pontos mais relevantes do estudo são aumento das

tensões sociais no Oriente Médio e no Norte da África, ampliação das disparidades de renda, desemprego estrutural persistente, intensificação das ameaças cibernéticas, falta de ação nas mudanças climáticas, diminuição da confiança nas políticas econômicas globais, carência de valores nas lideranças, expansão da classe média na Ásia, crescente importância das megacidades, rápida disseminação da desinformação *on-line*. O estudo fez, também, um levantamento dos maiores desafios que a América Latina enfrenta em 2014. Entre eles: desigualdade crescente, crescimento econômico, educação, pobreza, desemprego, corrupção.

Passagens

129 O controverso legado de Ariel Sharon (1928-2014)

Samuel Feldberg

133 Robert A. Pastor (1947-2014), formulador de políticas para os EUA nas Américas

Abraham Lowenthal

O mundo na ficção

135 *Um toque de pecado – ou os abandonados pelos céus*

Jia Zhangke

Clodoaldo Huguenev

Livros

139 *A América Latina no mundo*

Ricardo Lagos

Alberto Pfeifer

143 *A desgovernança mundial da sustentabilidade*

José Eli da Veiga

Eduardo Viola

152 *Uma parceria em construção: as relações entre França e Brasil, 1945-2000*

Antônio Carlos Lessa

Clodoaldo Bueno

Documentos

157 A democracia no mundo ibero-americano

Celso Lafer

Carta dos editores

Esta revista tem mantido há 22 anos o objetivo de seus fundadores de servir como um fórum aberto a todas as tendências de pensamento sobre a política externa brasileira e os temas de relações internacionais.

Fiel a esse propósito, ela publica artigos com os quais nem sempre concordam seus editores e integrantes do Conselho Editorial, onde representantes de diversas correntes se congregam.

Muitas vezes, a publicação de alguns desses artigos motiva outros autores a procurarem a revista para que suas opiniões discordantes daqueles também sejam veiculadas aqui.

Sempre que os articulistas são representativos de setores expressivos da comunidade que pensa, elabora, pratica e discute política externa, a revista lhes dá guarida, o que provoca um debate intenso em benefício de toda essa comunidade e do país como um todo.

Nesta edição, dois dos artigos sobre a política externa brasileira são produto desse tipo de saudável polêmica: o do embaixador Rubens Barbosa sobre o Mercosul e o do professor Sean Burges sobre o papel do Itamaraty na formação da política externa do Brasil, ambos em resposta a textos antes aqui publicados.

A edição se abre com a análise do embaixador Fernando de Mello Barreto sobre a política externa brasileira ao longo dos 21 anos do regime militar, neste período em que o Brasil se dedica a pensar o significado do golpe ocorrido 50 anos atrás.

O grupo de textos sobre política externa brasileira deste número se fecha com uma avaliação de como ela tem sido no período de 11 anos do PT à frente do Poder Executivo, feita pelo especialista francês em relações internacionais Gérard Bodinier.

Carlos A. Primo Braga e Jean-Pierre Lehmann tratam da atualidade e das perspectivas das relações bilaterais entre Brasil e China, que ao longo deste século se tornaram uma das mais relevantes para o país.

O diplomata Eduardo Uziel, que vem estudando de forma metódica e sistemática a participação brasileira no Conselho de Segurança da ONU, traz para esta edição uma detalhada análise do comportamento do país no seu décimo mandato como membro eleito do organismo, em 2010-2011.

O consenso alcançado em Bali pela OMC em dezembro de 2013 é o tema de um dos melhores especialistas em comércio internacional do Brasil, Pedro de Camargo Neto, no artigo que fecha o bloco dedicado a temas que dizem respeito ao interesse direto do país nesta edição.

A ex-embaixadora do México no Brasil Cecilia Soto, em texto que preparou especialmente para a revista, relata as mudanças importantes por que vem passando seu país desde os inesperados resultados da eleição presidencial de julho de 2012, quando o Partido Revolucionário Institucional recuperou o poder, mas por uma diferença apertada e sem obter maioria no Congresso, o que forçou um entendimento entre as principais forças políticas que resultaram em diversas reformas estruturais que estão sendo realizadas.

O professor Luis Fernando Ayerbe trata da percepção em setores do *establishment* da política externa dos EUA a respeito dos desafios para a agenda hemisférica do país originários da recente profusão de mecanismos de integração regional na América Latina.

O significado da morte de Osama bin Laden para a política externa dos EUA é o tema de Daniel Afonso da Silva em seu artigo. E o conselheiro da revista Roberto Teixeira da Costa fecha a seção de monografias com seu comentário sobre “Outlook on the Global Agenda 2014” do World Economic Forum.

Na seção “Passagens”, o professor Samuel Feldberg trata do legado do líder israelense Ariel Sharon e Abraham Lowenthal da contribuição que o acadêmico Robert Pastor deu à formulação de políticas hemisféricas dos EUA.

Em “O Mundo na Ficção”, o ex-embaixador do Brasil em Beijing Clodoaldo Hugueneu faz a crítica do filme *Um toque de pecado*, do cineasta chinês Jia Zhangke.

As resenhas deste número são sobre livros de Ricardo Lagos *A América Latina no mundo*, feita por Alberto Pfeifer, de José Eli da Veiga *A desgovernança mundial da sustentabilidade*, elaborada por Eduardo Viola, e de Antônio Carlos Lessa *Uma parceria em construção: as relações entre França e Brasil, 1945-2000*, de autoria de Clodoaldo Bueno.

O fecho desta edição, na seção de “Documentos”, é a íntegra da conferência proferida por Celso Lafer, presidente do Conselho Editorial da revista, sobre Octavio Paz e o mundo do século XXI, por ocasião da celebração do centenário do grande escritor mexicano, ocorrida este ano.

Os editores